

A multidimensionalidade do *habitus* e a construção de tipos praxiológica¹

Ralf Bohnsack²

RESUMO

Nas Ciências Sociais, no âmbito da interpretação das ações, encontram-se basicamente dois caminhos metodológicos. O primeiro se baseia na imputação de intenções subjetivas e na construção de *motivos*, sendo desenvolvido por Alfred Schütz, fundador da Fenomenologia Social, em conexão com a Sociologia Interpretativa de Max Weber. Trata-se, neste caso, de uma re-construção (construção de segundo grau), de uma interpretação e teorização feitas da mesma forma que as efetuamos no cotidiano, no senso comum, ou seja, de construção de motivos e de tipos (construção de primeiro grau). Diferentemente de uma re-construção desta *construção de tipos do senso comum*, o segundo caminho, aquele da *construção de tipos praxiológica*, transcende a teorização e a interpretação do senso comum e busca pelas estruturas da *praxis* dos atores no campo de pesquisa, por seus *modus operandi*, *habitus* ou estruturas de orientação. O foco da interpretação são as práticas incorporadas e o saber atóricico ou implícito que guia as ações. Aqui estabelecemos uma conexão com a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e seu método documentário, bem como com a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu. Com base no método documentário, desenvolvemos uma metodologia prática de pesquisa de interpretação e de construção de tipos. Esquivamo-nos, desta forma, da interpretação de caso único, enfatizando o trabalho com base na análise comparativa e extraindo o sistema de orientação (tipificação de sentido). Procuramos em que condições ou espaços de experiência (de formas específicas de acordo com o milieu, geração, gênero, etc), as orientações ou *habitus* tipificados são formados (tipificação sócio-genética). Trata-se finalmente de identificar a sobreposição de diferentes espaços de experiência, e, portanto, a multidimensionalidade das (gêneses das) orientações e *habitus* (tipificação multidimensional). A tipificação sócio-genética contribui para a solução do problema da generalização na pesquisa social qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE

Construção de tipos; *Habitus*; Metodologias qualitativas; Método documentário; Tipificação sócio-genética

¹ Tradução: Vinícius Liebel.

² Professor e diretor do Departamento de Pesquisas Qualitativas em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade Livre de Berlim (FU-Berlin). E-mail: bohnsack@zedat.fu-berlin.de – Berlim, Alemanha.

Habitus multidimensionality and the praxiological construction of types

ABSTRACT

In the Social Sciences, under the interpretation of actions, there are basically two methodological paths. The first is based on the imputation of subjective intentions and motives, developed by Alfred Schütz, founder of Social Phenomenology, in connection with the Interpretative Sociology by Max Weber. It is, in this case, a re-construction (construction of second degree), an interpretation and theorization that are done in the same way we perform in everyday life, in the common sense, that, in short, is the construction of types and motives (construction of first degree). Unlike a re-construction of this praxeological typification of common sense, the second path, that of the praxeological construction of types, transcends theory and interpretation of common sense and searches for the praxis structures of the actors, for their modus operandi, habitus or structures of orientation. The foci of interpretation are the incorporated practices and the atheoretical or implicit knowledge that guides the actions. Here we establish a connection with Karl Mannheim's Sociology of Knowledge, documentary method and Pierre Bourdieu's theory of the habitus. Based on the documentary method, we developed a methodology of research and interpretation of the construction of types. We avoid, in this way, the interpretation of a single case, emphasizing the work based on comparative analysis and extracting the orientation system ('sinngenetische' typification) and then investigate how, or under what conditions or spaces of experience (in ways according to specific milieu, generation, gender, etc.), typified orientations or habitus are formed (socio-genetic typification). This paper also regards the identification of overlaps between the different spaces of experience and thus the multidimensional nature of (the genesis of) orientations and habitus (multidimensional typification). The socio-genetic typification helps to solve the problem of generalization in qualitative social research.

KEYWORDS

Constructions of types; Habitus; Qualitative Methodologies; Documentary Method; Socio-genetic Typification

Há aproximadamente 100 anos Max Weber desenvolveu algumas considerações sobre a construção de tipos, as quais, sob o conceito de “tipo-ideal“, ganharam comprovada importância para as Ciências Sociais (WEBER, 1964; 1988b). A mais conhecida recepção do trabalho de Weber (no que concerne a este trabalho) é a de Schutz (1971; 1974). Ele a desenvolveu quando da elaboração de sua Sociologia Fenomenológica, e ela acabou por se tornar extraordinariamente influente no campo das pesquisas qualitativas.

Outra linha da recepção do “tipo-ideal” weberiano é a da Sociologia do Conhecimento e da Cultura, especialmente de Mannheim (1980) e Bourdieu (1970). Estes, na medida em que se relacionam com Weber, pouco partem da teoria do conhecimento weberiana, ou seja, de seus escritos epistemológicos, como ocorre com Schütz e a maioria dos intérpretes de Weber. Eles se relacionam, primariamente, com seus trabalhos práticos, e, acima de tudo, históricos, especialmente com “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (WEBER, 1988a). Tanto Bourdieu (1976, p. 29) quanto Mannheim (1964, p. 151) veem como real objeto desta construção weberiana do tipo-ideal o *habitus*, tomado aqui, entre outras definições, como o “espírito” de uma época.

CONSTRUÇÃO DE TIPOS PRAXIOLÓGICA E RECONSTRUÇÃO DO *HABITUS*: METODOLOGIA E PRAXIS DA PESQUISA

O modelo de sentido do saber que orienta as ações práticas dos sujeitos, o qual é constituído a partir da contextualização ou do estabelecimento de relações, denominamos de estrutura de orientação (*Orientierungsrahmen*) ou apenas de *habitus*. Uma construção de tipos começa quando a estrutura de orientação é identificável como um padrão homólogo em casos *diferentes*, quer dizer, quando ela é destituída de sua especificidade. De acordo com a diferenciação na contextualização proposicional e performativa das ações cotidianas constituem-se também tipos praxiológicos nestes dois níveis. A contextualização performativa do tipo diz respeito à estrutura formal de conversações e representações. No caso da análise do discurso, elas são os modos de organização do discurso, na acepção do método documentário (BOHNSACK, 1989; 2010d; PRZYBORSKI; 2004; BOHNSACK; PRZYBORSKI, 2006); no caso de entrevistas individuais, as análises de formas textuais no sentido de Schütze (1987). A validade da reconstrução do *habitus*, da estrutura de orientação ou do tipo de quadro depende, como já colocado, de quanto as *homologias* entre o nível proposicional e o performativo podem ser evidenciadas.

Para conseguir promover uma identificação precisa dessa constelação de relações e contextualizações, na qual se documenta a estrutura de orientação ou o tipo, ela deve ser distinguível de outras constelações semelhantes. São presumidos, portanto, horizontes de comparação dessas contextualizações. Eles permanecem normalmente "invisíveis" na vida cotidiana, constituindo-se na "mancha cega" do observador, como Luhmann (1990, p. 91) denomina (BOHNSACK 2001; 2010e; 2010b; NOHL 2007a). No sentido de Mannheim (1952, p. 229), aqui é fundamental para a interpretação a relação, *i.e.* o pertencimento, existencial ou ao contexto local (*Seinsverbundenheit oder Standortgebundenheit*).³

Existem duas possibilidades principais de interpretação no processo de reconstrução de contextualizações: na primeira, o intérprete baseia-se em um pré-conhecimento intuitivo para contextualizações típicas e interpreta as declarações observáveis sob as luzes desse saber tipificante. Ele passa então para uma interpretação na qual são evidenciadas as *características específicas* de cada caso. Tipos não são *gerados*, mas pressupostos. Esse método, que se fecha em redor de uma regra já conhecida para o "caso" específico, corresponde à *indução qualitativa*, tal como definida por Peirce (1967). Ela deve ser distinguida da conclusão lógica no sentido da *abdução* de Peirce que, a partir da observação de fenômenos surpreendentes, procura por uma regra que os torne plausíveis e que, assim, possibilite sua interpretação. (REICHERTZ, 2003).

Na linguagem aqui utilizada, o conceito de abdução trata de trazer à luz os saberes implícitos que orientam as ações dos atores, saberes estes que se documentam na contextualização e no processo relacional específico, ou seja, no *modus operandi* que se documenta na *praxis* da ação da contextualização. Isso evidencia - de acordo com o modelo de abdução de Peirce (1967) - uma regularidade previamente desconhecida do intérprete (BOHNSACK, 2010e).

Apenas no último caso - o da abdução - pode-se falar de uma geração de tipos ou de teorias. Uma declaração ou expressão individual a ser analisada não é aqui primariamente interpretada em contraste com um saber primário típico, mas sim a partir de um horizonte de comparações de casos empíricos - como também ocorre na versão original da *Grounded*

³ N. do T.: Os termos manheimianos aqui descritos são traduzidos em concordância com Kurt H. Wolff (*From Karl Mannheim*), para quem os conceitos *Seinsverbundenheit* e *Standortgebundenheit*, ainda que centrais para o entendimento da obra do autor, não possuem tradução precisa e direta. Wolff coloca (p. 42) que o termo *Seinsverbundenheit*, *p.e.*, já foi traduzido de várias formas, entre elas "Determinação Existencial" e "Existencialidade". Nenhuma delas, entretanto, expressa seu caráter relacional. Escolhemos indicar nesta tradução tanto o caráter de pertença (a um grupo) quanto o relacional.

Theory, no sentido de Glaser e Strauss (1967). Quanto mais isso ocorre, mais os horizontes de comparação implícitos podem ser submetidos a um controle metodológico.

A Construção Praxiológica e seus Diferentes Níveis

No processo de interpretação e construção de tipos com base no método documentário a contextualização elementar é aquela que é ditada pelo tema da passagem textual. O assunto é identificado no nível da apreensão de sentido literal.

Nessa fase da análise comparativa, o tema recebe a função de *tertium comparationis*, que é a função de terceiro elemento estruturado pela comparação. Na comparação dos diferentes - mas tematicamente similares - contextos, como por exemplo de temas e passagens semelhantes de conversas, é evidenciada uma estrutura de orientação ou *habitus*.

Tipificação de Sentido (Sinngenetische Typenbildung)

Uma vez que a estrutura de orientação reconstruída não se baseia apenas em uma análise comparativa interna de caso, mas abrange também uma análise cruzada de caso, desprendendo-se assim das características independentes de cada caso específico, podemos falar de “tipos” (BOHNSACK, 2007; 2007a). Estamos, desta forma, no primeiro passo de uma tipificação de sentido.

No segundo passo de uma tipificação de sentido, a própria estrutura de orientação abstraída ou *habitus* se transforma em *tertium comparationis* como tipo. Assim, ao pesquisarmos jovens (na fase final da adolescência) cujos pais ou avós emigraram da Turquia para a Alemanha, buscamos investigar se existe uma estrutura de orientação ou um campo de experiências que seja comum a eles (BOHNSACK; NOHL, 2001; NOHL 2001; BOHNSACK, 2003). O principal interesse, portanto, concentra-se na reconstrução de um possível campo de experiências específico derivado da migração, um possível tipo-migração (*Migrationstypik*). Esse tipo, que se situa no centro do interesse de pesquisa, também chamamos de tipo-base (*Basistypik*). Em uma análise comparativa com base em mais de 30 grupos de discussão e 20 entrevistas biográficas, o *habitus* da chamada *diferença de esferas* pôde ser evidenciado. Ela se distingue pela experiência de uma *diferença* mais ou menos profunda entre a esfera da família e da comunidade turca, que chamamos de esfera *interna*,

por um lado, e a esfera da escola, da formação e da vida pública e social, que chamamos de uma esfera *externa*, por outro.

A construção do tipo, nesse ponto de vista, é também o produto de uma interação reflexiva, de um círculo hermenêutico complexo:

Primeiramente, a análise pode definir gradualmente, nos passos estruturados da abstração e com base na análise comparativa interna e compreensiva de caso – segundo a reconstrução das *semelhanças em contraste* e dos *contrastes em comum* (originalmente em BOHNSACK, 1989) – o problema de orientação habitualizado de uma forma abstrata, problema este que é comum aos diferentes casos por nós pesquisados, qual seja, o problema da diferença de esferas. Quanto mais essas estruturas de orientação são precisadas na abstração, mais podem ser reconstruídas – por assim dizer, em um movimento oposto, mas sincronizado da especificação –, de tal forma que esse compartilhamento da diferença das esferas é tratado em grupos distintos. Assim, dentro do espaço de experiências da diferença de esferas podem ser identificados diferentes espaços de experiência específicos ou *milieus* e, com isso, diferentes *habitus* dos imigrantes.

Tipificação Sócio-genética: Multi-dimensionalidade e Generalização

Até aqui nós tratamos da chamada *tipificação de sentido*. Ela se encaminha, com base na abdução, para a busca pelo princípio genético, pelo *modus operandi*, pelo *habitus*, o qual estrutura de maneira homóloga a prática diária em suas diferentes áreas.

Quando falamos, com referência ao exemplo da diferença de esferas, de um tipo-migração (*Migrationstypik*) ou de um espaço de experiências típico de migrantes, encontramos - em rigor - declarações sobre a gênese desse princípio genético. Com a questão da gênese da origem do sentido, movemo-nos em direção à busca da gênese social (como uma espécie de meta-gênese). Podemos afirmar, em conformidade com Bourdieu, que o princípio genético não é apenas a "estrutura estruturante", mas também uma "estrutura estruturada". Mas como o princípio genético é estruturado, ou, em outras palavras, em que espaço social de experiências a sociogênese do princípio genético do sentido, do *modus operandi*, do *habitus*, deve ser procurado?

Essa pergunta pode ser respondida de forma válida somente quando evidenciamos a relação do espaço social de experiências típico de migrantes com outros espaços de experiências.

Isso pressupõe a delimitação dos espaços de experiência daqueles que não têm um histórico familiar de migração. Mas também é válido mostrar como e se o fenômeno da diferença de esferas, enquanto princípio genético do espaço social de experiências típicas de migração, é modificado na sobreposição com *outros* espaços de experiência e de *outros* princípios genéticos, mantendo ainda a sua validade. Outros espaços de experiência semelhantes ou típicos incluem, entre outros, aqueles determinados pelo gênero, idade, geração e o meio educacional. O tipo-migração enquanto "tipo puro" deve ser sempre "abstraído" ou "destilado" a partir de sua superposição a outros tipos, para que possa ser validamente determinado e diferenciado de outros tipos ou *habitus*.

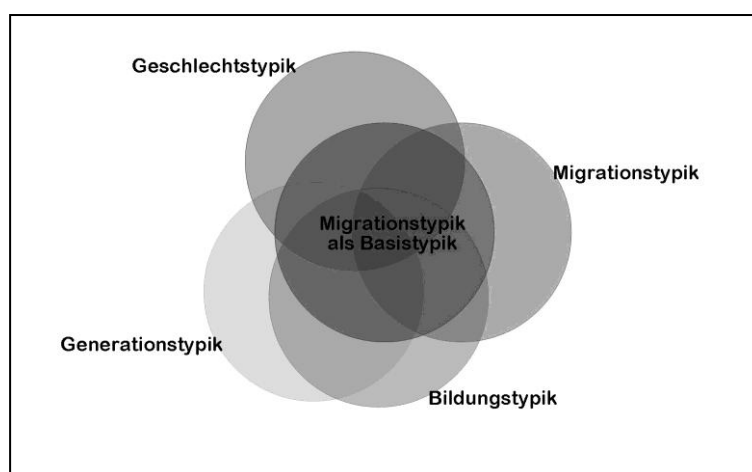


FIGURA 1 – Tipo-Migração enquanto tipo-base⁴

Assim, só é possível atribuir⁵ de maneira válida uma estrutura de orientação observada e tipicamente reconstruída ou um *habitus* a um “espaço de experiências típicas de migração” e generalizá-lo enquanto uma orientação *típica de migração* (após o controle de uma *análise comparativa*) se essa orientação em jovens de diferentes idades, gêneros e pertencentes a diferentes *milieus* – isto é, por variações específicas de meio e desenvolvimento ou modificações de espaços de experiências sociais, ou seja, a sobreposição

⁴ N.d.T.: No gráfico se lê: *tipo-gênero (Geschlechtstypik)*, *tipo-migração (Migrationstypik)*, *tipo-educação ou formação (Bildungstypik)*, *tipo-geração (Generationstypik)* e, ao centro, *tipo-migração como tipo-base*.

⁵ A atribuição de uma estrutura de orientação ou de *habitus* a um espaço de experiências é possível não só através de uma construção de tipo multi-dimensional sócio-genética, mas também da *interpretação sócio-genética*. A reconstrução da gênese social enquanto gênese do princípio genético, ou seja, a gênese do *habitus* ou da estrutura de orientação (neste caso, da diferença de esferas), na interpretação sócio-genética, intenta assim avaliar, no nosso exemplo, a reconstrução do processo de socialização, sua estrutura interativa e suas cenas interativas chave (aqui incluindo, entre outras, a interação com os pais), enquanto produtos das estruturas de orientação. Tipologia sócio-genética e interpretação sócio-genética complementam-se e validam-se mutuamente. Não me alongarei neste artigo no tema da interpretação sócio-genética, visto que a construção de tipos está no centro das discussões, encaminhando o leitor nele interessado para Bohnsack 2007, Cap.6.

de outras dimensões ou espaços de experiências – permanecer, em um nível abstrato, identificavelmente compartilhada. O nível da *validade* de cada tipo depende de quão diferenciável de outros tipos ele é com base nas observações de casos específicos; de quão diverso, *i.e.* multidimensional, dentro de uma tipologia ele pode ser classificado.

Ao mesmo tempo, entretanto, o nível de generalização de tipos individuais depende da comprovação de que eles mantêm, mesmo sob as condições dos outros – e com base em observações de cada caso específico possível – a validade dos espaços conjuntivo de experiências e de tipos e em que condições, ou seja, em relação a que outros tipos, isso não ocorre. No nosso exemplo, percebeu-se uma restrição à capacidade de generalização do tipo-migração através do tipo-geração, visto que o gráfico de orientação da diferença de esferas dentro do espaço de experiências conjuntivas dos jovens (dos migrantes de terceira geração) praticamente não tem relevância.

Portanto, o nível de generalização possível de um tipo, do princípio genético tipificável no sentido de *habitus*, está sujeito à sua reprodutibilidade em combinação com esses outros tipos, princípios genéticos e hábitos, ou seja, no transpasse recíproco dos mesmos. Já que a generalização opera com base nas homologias e na demarcação de limites entre os *espaços de experiências conjuntivas*, eu a descrevo⁶ como *generalização conjuntiva*. O nível de validade, bem como de generalização de um tipo de *habitus* é, portanto, dependente da diversidade, isto é, da multidimensionalidade da localização desse tipo dentro de toda uma tipologia.

A tipologia completa varia de acordo com o tipo - em dependência do meu interesse de pesquisa – que compõe para mim a estrutura principal e, portanto, representa o *tipo-base*.

⁶ O conceito de generalização conjuntiva apresenta uma certa proximidade (metodológica) com aquele de "generalização naturalista" (*naturalistic generalization*) de Stake (1978), um dos grandes nomes da pesquisa de avaliação qualitativa nos Estados Unidos (ver BOHNSACK, 2006a). Essas generalizações são baseadas, de acordo com Stake, no conhecimento tácito (*tacit knowledge*) no sentido de Michael Polanyi (STAKE, 1978, p. 6), e são norteadoras da ação: "*They guide action, in fact they are inseparable from action*" (STAKE; TRUMBULL, 1982).

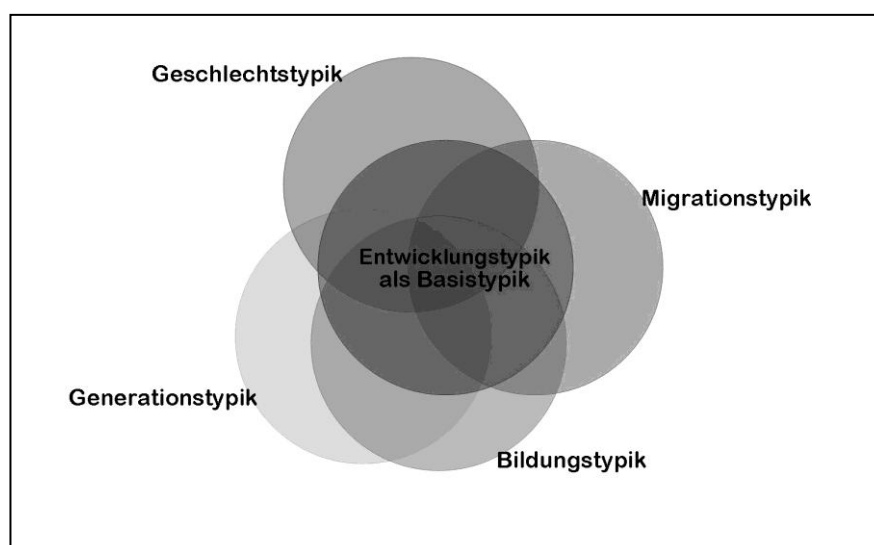


FIGURA 2 – Tipo-desenvolvimento enquanto tipo-base⁷

Em estudos anteriores, por exemplo, nós não partimos do tipo-migração, mas do tipo-desenvolvimento, quer dizer, do tipo baseado no desenvolvimento dos adolescentes entre os jovens oriundos de meios desfavorecidos, enquanto tipo-base (BOHNSACK 1989; BOHNSACK et al., 1995). O espaço de experiências migração-típico e a correspondente estrutura de orientação ou *habitus* da discrepância de esferas manifestam-se apenas em circunstâncias - se houver – nas quais se evidenciam suas conseqüências para a modificação da estrutura primária do tipo-desenvolvimento, ou seja, como uma forma ou modo específico de lidar com o desenvolvimento dos adolescentes em meios desfavorecidos.

Nos primórdios do desenvolvimento de tipologias com base no método documentário e na Sociologia do Conhecimento, foi desenvolvido, por mim e por Werner Mangold, um projeto acerca das orientações de vida dos jovens em uma pequena cidade da Francônia e aldeias vizinhas (BOHNSACK, 1989). Aqui foi desenvolvida uma complexa tipologia com a superposição das dimensões da formação escolar (estudante do ensino médio e aprendizes), do ambiente sócio-espacial (a vizinhança, a vila, as regiões de moradias miseráveis), de gênero, de geração (em comparação com os representantes da geração dos pais) e, especialmente, do desenvolvimento do adolescente com seu tipo-fase (*Phasentypik*), que se constituiu no tipo-base e, portanto, em *tertium comparationis* central no âmbito da tipologia completa.

⁷ N.d.T.: No gráfico se lê: *tipo-gênero (Geschlechtstypik)*, *tipo-migração (Migrationstypik)*, *tipo-educação ou formação (Bildungstypik)*, *tipo-geração (Generationstypik)* e, ao centro, *tipo-desenvolvimento como tipo-base*.

Entretanto, a construção de tipos praxeológica já foi testada em mais de quarenta dissertações, teses de doutorado e outros projetos. Mencionamos aqui, apenas alguns:

Nentwig-Gesemann (1999; 2007), com base em discussões de grupo com os professores que tiveram sua vida profissional na RDA (Alemanha Oriental), reconstruiu como tipo-base o conflito entre o programa educacional ditado pelo governo e as possibilidades práticas e a liberdade de ação dos professores. As variações no aproveitamento e usufruto dessa liberdade poderiam, dependendo da integração sócio-espacial (em contraste com a metrópole de Berlim e o meio rural) e do nível de formação dos professores, ser apreendidos tipologicamente a partir do tamanho da instituição e do estilo de gestão dos diretores das escolas.

Também com base em grupos de discussão, Schäffer (2003) reconstruiu, na comparação dos membros da velha e da nova geração de novos estados federativos, as características específicas de geração quanto à utilização habitual do computador como tipo-base. Dentro desse tipo-geração (*Generationstypik*), com seus *habitus* específicos das diferentes gerações, as práticas da geração mais jovem puderam ser diferenciadas, uma vez mais, no que diz respeito aos espaços de experiências típicos de gênero e de escolaridade.

Nohl (2006) identificou, com base em entrevistas narrativas, um tipo-fase generalizado para (espontâneos) processos biográficos de formação, o qual representa o *tertium comparationis* enquanto tipo-base. Por um lado puderam ser identificadas a superposição e a modificação através de manifestações específicas de *milieu* e de ciclo de vida. Por outro lado, só por meio dessas diferenças e contrastes é que os elementos essenciais e os estágios do tipo-fase dos processos educativos têm sido identificados como globais e, ao mesmo tempo, o tipo-fase dos processos educativos tem sido validado e generalizado.

Schittenhelm (2005) reconstruiu tipologicamente, em sua análise com base em grupos de discussão e entrevistas narrativas biográficas, a transição da escola secundária para a formação profissional entre jovens mulheres e suas diferentes formas de enfrentamento. Como parte da questão de sua sociogênese, Schittenhelm evidenciou um tipo-*milieu* (*Milieutypik*) bem como a superposição de experiências típicas de migração e, eventualmente (por meio de comparação com os estudos de jovens do sexo masculino da mesma idade) também de gênero.

Weller (2003) identificou em sua análise das cenas de hip-hop dos jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim experiências de discriminação típicas de *milieu* (*milieutypische Diskriminierungserfahrungen*) como tipo-base. As bases de dados

foram grupos de discussão e entrevistas narrativas. Os diferentes modos de abordagem dessas experiências puderam ser atribuídos, de um lado, a um tipo específico de *gerações* e, por outro, a um tipo relacionado aos conflitos de *classe*. Esses dois tipos, *milieus* ou *habitus* são claramente de importância global, pois são encontrados igualmente nos dois contextos culturais em Berlim e São Paulo. Através de tipos-cultura (*Kulturtypiken*), ou seja, dos tipos baseados nesses contextos culturais específicos, eles são sobrepostos e modificados.

Com base nas discussões em grupo com jovens, Asbrand (2007) busca saber se e como os jovens integram seu próprio cotidiano a uma perspectiva global, ou seja, integram sua vivência com o mundo. O tipo-base encontrado é um tipo-desenvolvimento de aprendizado global (*Entwicklungstypik globalen Lernens*) e é reconstruído em suas superposição multidimensional e modificação através da tipicidade do ambiente educacional, da influência das condições estruturais e organizacionais de aprendizagem global e de uma caracterização por gênero.

Vogd (2004), com base na observação participante em diferentes hospitais, identificou uma estrutura básica, um tipo-base do processo de tomada de decisões médicas, que é caracterizado por um equilíbrio precário entre o "médico-profissional e o econômico-administrativo". Nos diferentes tratamentos ou superações desse problema, que com isso se transformam no *tertium comparationis*, se documenta o *habitus* profissional típico (da cirurgia, do departamento de medicina interna e medicina psicossomática) na sobreposição com os *habitus* típicos das diferentes organizações (hospital geral *versus* hospital universitário).

Indivíduo e Tipo

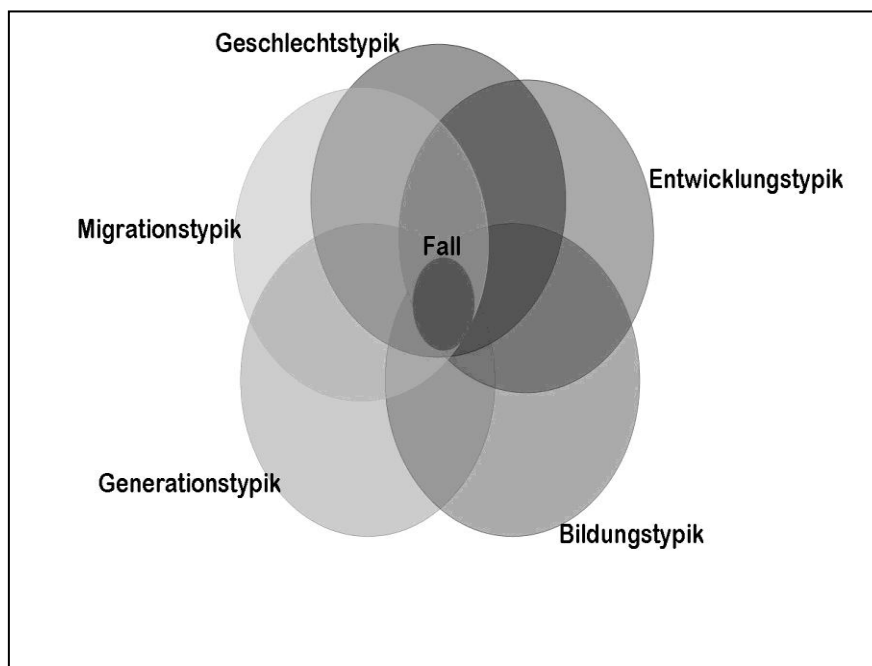


FIGURA 3 – O caso específico⁸

Tipo multidimensional não é apenas aquele que é sobreposto e modificado por outros tipos. Multidimensional é também o indivíduo, o caso específico no qual diferentes tipos ou habitus se tornam demonstráveis. Nohl (1920, p. 117-119) explicou a "essência do tipo" através do exemplo da obra de arte enquanto indivíduo: "o que está separado na análise afeta a obra de arte misteriosamente, e exatamente nessa ação intermitente de diferentes fatores reside um individual específico". O caso, o indivíduo - seja ele uma pessoa ou um grupo - representa em cada *habitus* individual seus diferentes tipos, ou seja, habitus coletivos, e isso não de forma aditiva, mas em sua relação lógica entre si, relação essa que não apenas é postulável teoricamente, mas também, de maneira metodologicamente controlada, empiricamente reconstituível.

Esse controle metodológico se baseia na seleção sistemática dos horizontes de comparação. Mas se toda interpretação é guiada pela escolha explícita ou implícita dos horizontes de comparação, o resultado, no entanto, é que qualquer interpretação compreenderá o caso apenas típica ou dimensionalmente - na melhor das hipóteses multidimensionalmente - ou seja, como Max Weber já esclarecera, de uma forma ideal-típica.

⁸ N.d.T.: No gráfico se lê: *tipo-gênero (Geschlechtstypik)*, *tipo-migração (Migrationstypik)*, *tipo-educação ou formação (Bildungstypik)*, *tipo-geração (Generationstypik)*, *tipo-desenvolvimento (Entwicklungstypik)* e, ao centro, "caso" (Fall).

Com isso, pesquisas que se entendem decididamente como pesquisas de caso único precisam também ser discutidas. Quando nós, em concordância com Mannheim (1964), objetivamos a “totalidade da visão de mundo” (*Totalität der Weltanschauung*) em nossa análise, não se trata de maneira alguma da totalidade de um indivíduo, de uma pessoa ou de um grupo identificável, mas sim a totalidade dos diferentes espaços de experiência nos quais participa o indivíduo. Pois o *habitus* do indivíduo constitui-se sempre na superposição de diferentes visões de mundo, de diferentes espaços (conjuntivos) de experiência e de diferentes *habitus* coletivos enquanto sua combinação (única) ou constelação⁹.

A Aspectividade da Construção de Tipos: Associação de Dimensões, Locais e Paradigmas

De acordo com os interesses cognitivos, ao mudar o tipo-base e o *tertium comparationis* da pesquisa, recorre-se a outros horizontes de comparação e casos de comparação, os textos ou imagens interpretados aparecem em um outro contexto ou espaço de experiência, e a tipificação é contemplada e arrolada de um lado ou dimensão completamente diferente. Estamos lidando com uma "Policontextualidade" (*Polykontextualität*), como denominado na teoria dos sistemas e da cibernética (LUHMANN, 1992, p. 84; 1997, p. 1141; VOGD, 2005).

Isso é o que eu denominei como *associação de dimensões* da construção de tipos (*Dimensionengebundenheit der Typenbildung*), cujo controle metodológico requer uma multidimensionalidade da análise e, portanto, um acesso multidimensional aos diferentes *habitus*. A associação de dimensões representa *uma* das manifestações da aspectividade ou da "estrutura do aspecto" (*Aspektstruktur*) (MANNHEIM, 1952, p. 234) do conhecimento e da construção de tipos. A “polissemia” de Barthes (1990, p. 34), conceito principalmente relacionado com a imagem e que revela a ambigüidade de interpretação (BOHNSACK, 2009, p. 36 *et seq*), já não aparece mais como um obstáculo para sua metodização, mas como ponto de partida. Entretanto, o atual panorama da investigação científica é dominado pela unidimensionalidade ou monocontextualidade.

Na cotidiana *praxis* intuitiva da interpretação, a escolha dos horizontes de comparação depende de minha localização existencial específica e, portanto, do meu próprio *habitus*. É isso que, juntamente com a associação de dimensões da criação de tipos e de

⁹Analogamente constitui-se a *identidade pessoal*, no sentido de Goffman (1963), como uma combinação (única) de aspectos da *identidade social*. No entanto, para além dessas semelhanças, devem ser consideradas as diferenças categóricas entre identidade e *habitus* (BOHNSACK, 2003; BOHNSACK; NOHL, 2001).

conhecimentos e, assim, da reconstrução do *habitus*, representa uma outra expressão de sua aspectividade. Essa expressão eu gostaria de denominar, em concordância com Mannheim (1952, p. 229), a relação, *i.e.* pertencimento, ao contexto local ou ainda existencial (*Standortgebundenheit oder auch Seinsverbundenheit*). Quanto mais eu substituo os (intuitivos) horizontes de comparação dependentes da minha localização, *i.e.* contexto local, através de casos comparativos empíricos, mais intersubjetivamente verificável é minha interpretação e construção de tipos.

Mas, ao mesmo tempo, eu chego cada vez mais a uma reflexão sobre os meus (anteriormente implícitos) horizontes de comparação e, portanto, sobre minha posição existencial específica. Essa reconstrução e explicação do horizonte comparativo representa uma das possibilidades para o observador perceber, de forma auto-reflexiva, a sua própria relação ao contexto local e a "mancha cega" (LUHMANN, 1990, p. 85) a ele associada. Tal como formulado no campo da Cibernética, "quando o observador se inclui no processo de observação e, assim, torna-se parte da observação, ele recebe a liberdade de descobrir, através da respectiva alteração da sua posição, a obliteração por ele criada" (KAEHR, 1993, p. 181).

Quanto à relação ou pertencimento ao contexto local do conhecimento, trata-se, segundo Mannheim (1952, p. 254) de "resíduos irredutíveis de conhecimento volitivo que ainda permanecem disponíveis caso se removam todas as conclusões e opiniões conscientes e explícitas". Essa ligação existencial, ou seja, o próprio *habitus* do pesquisador, não toma parte apenas da 'escolha' dos horizontes de controle e, dessa forma, estrutura (por meio do interesse cognitivo) a associação de dimensões da construção de tipos, mas participa também da 'escolha' do paradigma e influencia, assim, o que eu gostaria de denominar *dependência de paradigmas* (*Paradigmenabhängigkeit*) (no sentido de KUHN, 1973).

Com isso atinjo o ponto de partida de minhas reflexões, visto que eu inicialmente abordei os dois – dependendo da ótica *paradigmática* - diferentes modos de recepção do tipo-ideal weberiano, que podem, entretanto, ser integrados (como eu tentei mostrar) em um modelo geral de construção de tipos. No centro dessa questão estão a metodologia e os métodos de tipificação praxiológica enquanto base para uma reconstrução do *habitus*.

CONCLUSÃO

No curso da reflexão metódica e do desenvolvimento da metodologia da construção de tipos praxiológica aqui realizados, fomos capazes de fundamentar nosso raciocínio – visando a multidimensionalidade dos espaços de experiências e do *habitus* – em reflexões metodológicas, especialmente na tradição da Sociologia do Conhecimento de Mannheim, mas não nas tradições de pesquisa empírica que atualmente são seguidas. Também as considerações sobre "policontextualidade", como a localizamos no campo da teoria dos sistemas de Luhmann e na cibernética, nos fornecem apenas reflexões teórico-metodológicas. Entretanto, a metodologia da construção de tipos praxiológica e da reconstrução do *habitus* em sua multidimensionalidade tem sua origem na *praxis* da pesquisa e em sua reconstrução metodológica. Esse caminho para a construção de tipos e sua análise multidimensional foram testados repetidamente, como demonstrado por alguns exemplos aqui citados, e fornecem uma ampla base para o desenvolvimento da metodologia.

Também nesse sentido, a metodologia aqui defendida é praxiológica. Não apenas porque visa a reconstrução da *praxis* dos pesquisados, mas também porque ela se aplica à *praxis própria*, ou seja, a dos *pesquisadores* e observadores. Em termos de um "pragmatismo metodológico", como Luhmann (1990, p. 509) denominou, as normas e procedimentos metodológicos são eles mesmos objetos e, em grande parte, também o resultado da *reconstrução* empírica do *habitus* do pesquisador, sendo desenvolvios, em cada caso, nas discussões resultantes das experiências da pesquisa empírica.

REFERÊNCIAS

ASBRAND, B. **Wissen und Handlungskompetenz in der Weltgesellschaft**. Münster: [s.n.], 2009.

BARTHES, R. **Der entgegenkommende und der stumpfe Sinn**: kritische essays III. Frankfurt: [s.n.], 1990.

BATESON, G.; BATESON, M. C. **Wo Engel zögern**: Unterwegs zu einer Epistemologie des Heiligen. Frankfurt: Suhrkamp, 1993.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit**. Frankfurt: Fischer Taschenbuch, 1969.

BOHNSACK, R. **Alltagsinterpretation und soziologische Rekonstruktion**. Opladen: Westdeutscher, 1983.

_____. et al. **Die Suche nach Gemeinsamkeit und die Gewalt der Gruppe: Hooligans, Musikgruppen und andere Jugendcliquen**. Opladen: Budrich; Leske, 1995.

_____. Differenzerfahrungen der Identität und des *habitus*: eine empirische untersuchung auf der basis der dokumentarischen methode. In: LIEBSCH; B.; STRAUB, JÜRGEN (Org.). **Lebensformen im Widerstreit: integrations- und Identitätskonflikte in pluralen Gesellschaften**. Frankfurt: Campus, 2003. p. 136-160.

_____. Documentary method and group discussions. In: BOHNSACK, R.; PFAFF, N.; WELLER, W. (Ed.). **Qualitative analysis and documentary method in international educational research**. Opladen; Farmington Hills: Budrich Barbara, 2010b. p. 99-124.

_____. Dokumentarische methode. Theorie und praxis wissenssoziologischer interpretation. In: HUG, T. (Org.). **Wie kommt Wissenschaft zu Wissen?** Bd. 3: Einführung in die Methodologie der Kultur- und Sozialwissenschaften. Baltmannsweiler, 2001. p. 326-345.

_____. **Generation, Milieu und Geschlecht: Ergebnisse aus Gruppendiskussionen mit Jugendlichen**. Opladen: Budrich; Leske, 1989.

_____. Gruppendiskussionsverfahren und Gesprächsanalyse. In: _____. **Rekonstruktive Sozialforschung: Einführung in qualitative Methoden**. Opladen; Farmington Hills: Budrich Barbara, 2010d. p. 187-206.

_____. Mannheims Wissenssoziologie als Methode. In: TÄNZLER, D. (Org.). **Neue Perspektiven der Wissenssoziologie**. Konstanz: UVK, 2006a. p. 271-291.

_____. Praxeologische Methodologie. In: _____. **Rekonstruktive Sozialforschung: Einführung in qualitative Methoden**. Opladen; Farmington Hills: Budrich Barbara, 2010e. p. 187-206.

_____. Performativität, Performanz und dokumentarische Methode. In: WULF, C.; ZIRFAS, J. (Org.). **Pädagogik des Performativen: Theorien, Methoden, Perspektiven**. Weinheim, 2007b. p. 200-212.

_____. **Qualitative Bild- und Videoanalyse: Die dokumentarische Methode**. Opladen; Farmington Hills: Verlag Budrich Barbara, 2009.

_____. Qualitative Evaluation und Handlungspraxis. Grundlagen dokumentarischer Evaluationsforschung. In: FLICK, U. (Org.): **Qualitative Evaluationsforschung**: Reinbek b. Hamburg: Rowohlt, 2006b. p. 135-155.

_____. Social Worlds“ und „Natural Histories“. Zum Forschungsstil der Chicagoer Schule anhand zweier klassischer Studien. **Zeitschrift für qualitative Bildungs – ZBBS**, caderno 1, 2005b. p. 105-127.

_____. The interpretation of pictures and the documentary method. In: BOHNSACK, R.; PFAFF, N.; WELLER, W. (Ed.). **Qualitative Analysis and Documentary Method in International Educational Research**. Opladen; Farmington Hills: Verlag Budrich Barbara, 2010a. p. 267-299.

_____. Typenbildung, Generalisierung und komparative Analyse. Grundprinzipien dokumentarischer Interpretation. In: _____. et al. (Org.). **Die dokumentarische Methode und ihre Forschungspraxis: Grundlagen qualitativer Sozialforschung**. Wiesbaden: Budrich; Leske, 2007a. p. 225-252.

BOHNSACK, R.; NENTWIG-GESEMANN, I.; NOHL, A.-M. **Die dokumentarische Methode und ihre Forschungspraxis: Grundlagen qualitativer Sozialforschung**. Wiesbaden: VS Verlag, 2007.

BOHNSACK, R.; PRZYBORSKI, A. Diskursorganisation, Gesprächsanalyse und die Methode der Gruppendiskussion. In: BOHNSACK, R.; PRZYBORSKI, A.; SCHÄFFER, B. (Org.). **Das Gruppendiskussionsverfahren in der Forschungspraxis**. Opladen: Budrich; Auflage, 2006. p. 233-248.

BOHNSACK, R.; NOHL, A.-M. Ethnisierung und Differenz erfahrung. Fremdheit als alltägliches und als methodologisches Problem. **Zeitschrift für qualitative Bildungs- ZBBS**, v. 3, p. 15-36, 2001.

BOHNSACK, R.; NENTWIG-GESEMANN, I. Typenbildung. In: Ralf Bohnsack/Winfried Marotzki/Michael Meuser (Org.): **Hauptbegriffe Qualitativer Sozialforschung**. Opladen: Budrich; Auflage, 2006. p. 162-166.

BOURDIEU, P. Der Habitus als Vermittlung zwischen Struktur und Praxis. In: **Zur Soziologie symbolischer Formen**. Frankfurt: Suhrkamp, 1970. p. 125-158.

_____. **Entwurf einer Theorie der Praxis**. Frankfurt: Suhrkamp, 1976.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oakes; London; New Delhi: Sage Publications, 1994a.

_____.; _____. Introduction: entering the field of qualitative research. In: _____.; _____. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oakes; London; New Delhi: Sage Publications, 1994b. p. 1-18.

DILTHEY, W. Die Entstehung der Hermeneutik. In: **Gesammelte Schriften**. 5. ed. Leipzig; Berlin: [s.n.], 1924. p. 317-338.

GARFINKEL, H. Aspects of common sense knowledge of social structures. In: **Transactions of the Fourth World Congress of Sociology**. Milan; Stresa: International Sociological Association, 1961. p. 51-65. (v. 4)

_____. What is ethnomethodology? In: _____. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs; New Jersey: Prentice-Hall, 1967. p. 1-34.

GLASER, B. G. The constant comparative method of qualitative analysis. **Social Problems**, v. 12, n. 4, p. 436-445, 1965.

_____.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. Chicago: Aldine Transaction, 1967.

GOFFMAN, E. **Stigma**: notes on the management of spoiled identity. New Jersey: Prentice-Hall, 1963.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Fourth generation evaluation**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1989.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.

HITZLER, R.; REICHERTZ, J.; SCHROER, N. (Org.). **Hermeneutische Wissenssoziologie**: Standpunkte zur Theorie der Interpretation. Konstanz: Universitätsverlag Konstanz, 1999.

KAEHR, R. Disseminatorik: Zur Logik der ‚Second Order Cybernetics‘: Von den ‚Law of Forms‘ zur Logik der Reflexionsformen. In: BEACKER, D. (Org.): **Kalkül der Form**. Frankfurt: Suhrkamp, 1993. p. 152-196.

KUHN, T. **Die Struktur der wissenschaftlicher Revolutionen**. Frankfurt: Suhrkamp, 1973.

LUHMANN, N. **Beobachtungen der Moderne**. Opladen: [s.n.], 1992.

_____. **Die Gesellschaft der Gesellschaft**. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

_____. **Die Wissenschaft der Gesellschaft**. Frankfurt: Suhrkamp, 1990.

_____. **Zweckbegriff und Systemrationalität**. Frankfurt: Suhrkamp, 1973.

MANNHEIM, K. Beiträge zur Theorie der Weltanschauungsinterpretation. In: **Wissenssoziologie**. Neuwied: [s.n.], 1964. p. 91-154.

_____. **Strukturen des Denkens**. Frankfurt: Suhrkamp, 1980.

_____. Wissenssoziologie. In: _____. **Ideologie und utopie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1952. p. 227-267.

MCHUGH, P. A common sense conception of deviance. In: DOUGLAS, J. D. (Ed.): **Deviance and Respectability**. New York; London: Basic Books, 1970.

MEAD, G. H. **Geist, Identität und Gesellschaft**. Frankfurt: Suhrkamp, 1968.

NENTWIG-GESEMANN, I. **Krippenerziehung in der DDR**. Alltagspraxis und Orientierungen von Erzieherinnen im Wandel. Opladen: [s.n.], 1999.

_____. Die Typenbildung der dokumentarischen Methode. In: BOHNSACK, R. et al. (Org.). **Die dokumentarische Methode und ihre Forschungspraxis: Grundlagen qualitativer Sozialforschung**. Opladen: [s.n.], 2007. p. 275-302.

NOHL, A.-M. **Bildung und Spontaneität: Phasen biographischer Wandlungsprozesse in drei Lebensaltern: Empirische Rekonstruktionen und pragmatistische Reflexionen**. Opladen: Barbara Budrich, 2006.

_____. **Migrationslagerung und Differenzerfahrung**. Junge Einheimische und Migranten im Milieuvvergleich. Opladen: Leske; Budrich, 2001.

_____. Komparative Analyse: Forschungspraxis und Methodologie dokumentarischer Interpretation. In: BOHNSACK, R.; NENTWIG-GESEMANN, I.; NOHL, A.-M. (Org.). **Die dokumentarische Methode und ihre Forschungspraxis: Grundlagen qualitativer Sozialforschung**. Wiesbaden: [s.n.], 2007a. p. 253–273.

NOHL, H. **Stil und Weltanschauung**. Jena: Diederichs, 1920.

PANOFSKY, E. Ikonographie und Ikonologie. Eine Einführung in die Kunst der Renaissance. In: _____. **Sinn und Deutung in der bildenden Kunst**. Köln: DuMont, 1975. p. 36-67.

PEIRCE, C. S. **Schriften zum Pragmatismus und Pragmatizismus**. Frankfurt: Suhrkamp, 1967.

PRZYBORSKI, A. **Gesprächsanalyse und dokumentarische Methode: Qualitative Auswertung von Gesprächen, Gruppendiskussionen und anderen Diskursen**. Wiesbaden: VS Verlag, 2004.

RECKWITZ, A. Grundelemente einer Theorie sozialer Praktiken. Eine sozialtheoretische Perspektive. **Zeitschrift für Soziologie**, v. 4, n. 32, p. 282-301, 2003.

REICHERTZ, J. **Die Abduktion in der qualitativen Sozialforschung**. Opladen: VS Verlag, 2003.

SCHÄFFER, B. **Generation – Medien – Bildung: Medienpraxiskulturen im Generationenvergleich**. Opladen: VS Verlag, 2003.

SCHÜTZE, F. **Das narrative Interview in Interaktionsfeldstudien: Erzähltheoretische Grundlagen**. Studienbrief der Fernuniversität Hagen. Teil I: Merkmale von Alltagserzählungen und was wir mit ihrer Hilfe erkennen können. Hagen: [s.n.], 1987.

SCHÜTZ, A. **Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt: Eine Einleitung in die verstehende Soziologie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.

_____. **Gesammelte Aufsätze, Bd. 1: Das Problem der sozialen Wirklichkeit**. Den Haag: [s.n.], 1971.

SCHITTENHELM, K. **Soziale Lagen im Übergang**: Junge Migrantinnen und Einheimische zwischen Schule und Berufsausbildung. Wiesbaden: VS Verlag, 2005.

SCHWANDT, T. A. Evaluation as Practical Hermeneutics. **Evaluation**, v. 3, n. 1, p. 69-83, 1997.

_____. **Evaluation practice reconsidered**. New York: Peter Lang, 2002.

STAKE, R. E. The case study method of social inquiry. **Educational Researcher**, v. 7, n. 2, p. 5-8, 1978.

STAKE, R. E.; TRUMBULL, D. J. Naturalistic generalizations. **Review Journal of Philosophy and Social Science**, v. 7, p. 1-12, 1982.

VOGD, W. **Ärztliche Entscheidungsprozesse des Krankenhauses im Spannungsfeld von System - und Zweckrationalität**: Eine qualitativ-rekonstruktive Studie. Berlin: VWF, 2004.

_____. **Systemtheorie und rekonstruktive Sozialforschung**: Eine empirische Versöhnung unterschiedlicher theoretischer Perspektiven. Opladen: Budrich, 2005.

WEBER, M. Die ‚Objektivität‘ sozialwissenschaftlicher und sozialpolitischer Erkenntnis. In: _____. **Gesammelt Aufsätze zur Wissenschaftslehre**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988b.

_____. **Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I**. Tübingen: UTB, 1988a.

_____. **Wirtschaft und Gesellschaft**: Grundriss der verstehenden Soziologie: Erster Halbband. Köln; Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1964.

WELLER, W. **Hip Hop in Berlin und São Paulo**: Ästhetische Praxis und Ausgrenzungserfahrungen junger Schwarzer und Migranten. Opladen: Leske; Budrich, 2003.

Recebido em: 10/12/2010
Publicado em: 22/06/2011